

Ítalo de Melo Ramalho



um dia para cada abril  
ou a função sócio-política do afeto



Ítalo de Melo Ramalho

um dia para cada abril  
ou a função sócio-política do afeto



Criação Editora

Aracaju | 2021

Copyright 2021 by Ítalo de Melo Ramalho

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do autor, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

Este é um projeto apoiado pelo Edital de Premiação de Artes Visuais e Literatura, proposto pelo Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperi-pê de Sergipe - FUNCAP, com recursos da Lei Aldir Blanc.

Projeto gráfico:  
Adilma Menezes

Ilustrações:  
Raphael Vidal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
TuxpedBiblio (São Paulo - SP)

R165d Ramalho, Ítalo de Melo  
Um dia para cada abril ou a função  
sócio-política do afeto. Ítalo de Melo  
Ramalho -- 1. ed. -- Aracaju, SE: Criação  
Editora, 2021.  
98p. il. 12 x 19cm  
ISBN: 978-65-88593-34-9

1. Poemas. 2. Poesia Brasileira. 3. Ver-  
sos. I. Título. II. Assunto. III. Ramalho,  
Ítalo de Melo.

B869.91  
CDU 82-1(81)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro  
Anizio Gomes CRB-8 8846

*Para Christina*



um dia para cada abril





Y

Asphad Vidal



1º de abril  
(2020)

para abril  
abrir  
tem que ter  
pernas longas  
para o correr  
- veloz -  
da mentira

para abrir  
abril  
precisa ter  
corpo de cobra  
para o locomover  
- invisível -  
da caça

2 de abril

ali  
- no palácio -  
se rasga  
a bula política  
do sermos humanos:

fakesumanos

3 de abril

parecer decente  
é mais  
viral / real  
que a  
real / viral  
pandemia emergente

para ser demente  
é raiz crer  
na antifilosofia  
copa  
do carvalho  
(do) decadente

parece ser urgente  
mascarar  
focinho  
gado  
gente

4 de abril

“trim! trim!”  
toca o sino de recolher  
talheres  
carros  
corpos:

os números  
serão servidos  
às 20h30

5 de abril

inaugura o café  
o pão quente  
do jornal:

a indústria do patê  
barateia o preço  
do homo  
sapiens sapiens  
nacional

a fé bovina  
movimenta o  
necroliberalismo  
mundo  
af(1)ora

6 de abril

caixas de papel  
deveriam conter  
sapatos

guardam pés mortos  
enforcados  
pelo cadarço  
dos corpos infectados  
(eco à dor)

7 de abril

(((antes de descansar  
o escultor  
no ímpeto do seu instinto  
masculino  
rasgou  
as vestes da moral  
e gritou:  
vá, eva, fazer a vida que quiser!))))

8 de abril

após a criação  
o oitavo abril  
é

in

fini

ta

mente

perfeito:

dia de apagar as contas

9 de abril

a foto - grafia do poço  
é quem esculpe  
o filme

a foto - grafia da comédia  
é quem modela  
o livro

círculo  
nível  
termômetro utópico  
falso negativo  
do vírus

10 de abril

o martelo pesa sua tonelada  
sobre um grão  
vivo de homem

amassa o quilograma  
fura (a) pele da carne  
tira (a) voz do esqueleto

mata

o milagre na cela n. 7  
captou poesia  
escandiu poema:  
memo  
ova

11 de abril

reinaugura o café  
jornal morno  
do dia:

bolsa de valores  
abre pregão  
menos quinze  
pontos percentuais

motivo:  
ações humanitárias  
perdem capacidade - de  
resistência -  
diante do surto  
especulativo

)amor condicional(

12 de abril

palhácio  
respira  
sem ajuda de aparelhos:

pressão 12 x 8

sinais vitais de ódio  
respondem  
(muito bem!)  
incentivos  
terapêuticos  
da bancada  
do boi  
da bala  
da bíblia

13 de abril

décimo terceiro abril  
águas escorrem  
por estes segundos

a ferida  
abre flor  
necrosada do poder

vírus verme parasita  
festejam  
organismo fétido  
da sociedade cordial

coronial

14 de abril

último teste para covid-19  
confirma:  
bailarino sergipano  
testa falso positivo

tarde -  
artista morre  
apedrejado  
com uma maçã  
enfiada na boca  
bondade no cu

15 de abril

abril  
des  
pe  
da  
ça  
do

o terminal da atalaia  
en - tu - pi - do  
absorve o suor  
(ativo do paciente zero)  
formando estalactites  
no céu de amianto:  
igreja da necropolítica

o mercado é o altar:  
carne  
dinheiro  
óbito  
tudo ao gosto-gourmet da mosca

16 de abril

(((o enlace das pernas  
supõe:  
teia / trama  
moldura / estampa  
galo / madrugada

o enlace na manhã  
ação:  
ramalho / cara / ramalho / tara  
desejo / café / queijo / pão  
queijopão / carne / feijão / beijopão  
pãodequeijo / pão de beijo / baralho  
ramalho / paixão / ramalhopaixão / ramalhão  
raxão / razão / tesão))))

17 de abril

há quatro anos  
a ruptura do selo  
constitucional  
fez minha relação  
um gozo  
carnal:  
inconstitucional

há quatro anos  
a ruptura fiscal  
constitucional  
fez da relação  
al-cunha  
venal:  
estupro patriarcal

18 de abril

véspera da morte:  
abril  
preparou  
o tempo  
útero do mundo  
vício vivo  
que sou

19 de abril

abril de fin (h) ados  
para a vida  
individual  
que tenho:

dezenove  
noves fora  
ítalo

20 de abril

no entanto:  
o pulso pulsa  
pul.....sa

pul.....sa  
pulsalâmina  
sob o esqueleto estéril  
do verbo

21 de abril

verbo que  
depois de absorver  
o esqueleto  
jamais voltou a ser puro  
verbo

ganhou vigor  
tonal  
semínima

fez  
verboração  
verbocanção  
versificação

22 de abril

antes do som  
lusitano  
o verbo yanomami  
sustentou o céu de davi  
    inferno de cristo  
    silêncio antunes  
    arnaldo de fazer  
    verboração  
    carnificação

23 de abril

requenta o jornal  
da noite:

ibmp -  
instituto  
brasileiro de  
medidas psiquiátricas -  
indica densa substância  
parasitária  
no lobo frontal do  
brasil

patologia: ubi vermis militiaman  
{verme miliciano}

24 de abril

segundo o ipea -  
instituto  
pluriconceitual de  
endemias e  
anomalias literárias -  
a igualdade no brasil  
é reflexo da miserável saúde  
econômica  
da poesia

25 de abril

o espelho desse dado  
facilmente coletado  
nas teses e dissertações

das laranjas dos limões  
dos cravos revoluções  
liquefazem  
sonhossons

26 de abril

o grito estéril  
fecunda a terra  
(in)fértil  
de santa cruz

o pão que comemos aqui  
é untado com o patê  
da fome

27 de abril

panis et pandemia  
são ingredientes básicos  
da cesta

quando faltam  
o chumbo supre  
a fome estatística  
da vala

28 de abril

os números sorteados  
permitem  
mais um fim de semana  
vivo

livre da sequência  
ímpar  
de deus

29 de abril

a tartaruga  
por onde anda  
garante a moradia  
do mundo  
que (lhe)  
reinventa

30 de abril

para abril  
fechar  
tem que ter  
língua grossa  
para molhar  
a terra seca  
de março



Raphael Vidal



ou a função sócio-política do afeto



quem faz o hábito  
é o monge  
assim como as cervejas

quem faz a pena  
é a cela  
assim como os juízes

quem guarda o hálito  
é a boca  
assim como os dentes

quem guarda a chave  
é o cárcere  
assim como a liberdade

e quem não faz  
nem um nem outro  
vira chefe  
de milícia

## #2

quando voltarmos  
ao estado bruto das coisas  
mostre-me as putrefacções  
da realidade

quando sonharmos  
com o estado metafórico das coisas  
mostre-me as putreficções  
do sonho

quando sentirmos  
o estado metonímico das coisas  
mostre-me as putrefacções  
da relação

quando vencermos  
os infinitivos pessoais  
nos façamos responsáveis  
para sermos  
livres e iguais  
sobretudo:  
multiculturais

moinho de pedra  
capta o compasso do vento  
para transformá-lo  
em energia

as hélices  
como braços bailarinos  
movem-se  
no ritmo secreto  
do silêncio

## #4

a plateia  
que alimenta o leão  
com carne de conserva  
alimenta  
com osso  
o cão popular

o instrumento  
normativo da culpa  
revela a economia  
pantofágica  
da plateia

o ar do balão  
leva o oxigênio  
para o mais  
longínquo  
território  
humano

#6

a música  
é um coletivo harmônico  
de sons

cada som é um sopro  
matemático  
a escalar horizontes  
no pentagrama

sobre  
o que se pode fazer  
em uma quarentena  
respondo:  
tudo

mas tudo que não termine  
em morte

**#8**

as madrugadas do outono  
são ritos de passagem:

da massa ao pão  
corpo ao calção

da vida ao caixão

o tempo que dura  
uma madrugada  
é o suficiente para cozer  
tripas  
coração

pela manhã  
resfriam-se os demais  
cortes  
e como sobremesa  
olhos de céu

**#10**

homens de branco  
arrastam  
sobre quatro rodas  
o destino-fim  
do corpo:  
a indigência

uma grinalda plástica  
ornamenta caixacorpo  
manuara  
indigente:

honrado morto  
honraria viva

## #12

lê-se no prontuário  
midiático:

pandemia  
subnotifica  
democracia representativa

república respira  
com ajuda de parlamentares  
artificiais

república respira  
com parlamentares  
paraísos artificiais

república respira  
com parlamentares artificiais  
paraísos fiscais

abrir os olhos  
é como puxar  
gavetas do armário:

ao aplicar força na madeira  
a pálpebra descarrila  
o trem do túnel  
vivo da morte

**#14**

a câmara fria absorve  
todo corpo  
morto  
o silêncio dinâmico  
ensaca  
- a conta grãos -  
memória do  
ex-vivo

o efeito pandêmico  
reduz o alcance vivo  
do sono tragicômico:  
unamuno

## #16

big bang  
(explosão!)  
som da rua: água  
da telha  
franja da parede  
conta vida líqui  
da gota  
marcapasso  
pingos de sono  
morto  
pingos de sono  
vivo

pão de milho

a fotografia capturou  
o histórico instante  
em que me perdia  
em frente da câmera:

3 X 4

essa multiplicação  
revelou  
o todo concentrado  
do meu retrato fal(h)ado:

falido

**#18**

o cinema ficcional  
foi vencido pela  
fotografia do necro-  
cristianismo financeiro  
que transfigura vinho  
em água fiscal  
passe para a vida  
neopentecostal:

(cris) (tos) (tão)  
(tão) (cris) (tos)  
(tos) (tão) (cris)  
(tos) (tões)

o sudário fotografou  
a trama perdi  
da humanidade  
no linho

a estampa imprimida  
pelo sangue na linha  
revela argamassa  
carcomida pela sé:

carbono 14

#20

para o poema nascer  
é preciso costurá-lo  
da ponta à cachaça

pensar pelo pé é  
fazer do caminho  
bifurcado -  
linha e pedra -  
questão de equilibrachão

quando um pingo  
escorrer cílio abaixo  
e amparar-se pelo soluço  
rítmico do corpo  
não se engane  
é uma lágrima ácida  
do remédio constitucional  
do mundo:

habemus sexus

#22

em minhas mãos  
o riso do livro  
move  
os dentes das suas  
páginas

banquete farto:  
proteína  
verbal

depois de escrever  
duas laudas  
dissertativas

tomar  
duas cervejas  
brahma

abrir o instagram e  
observar  
dois esqueletos  
musculosos  
alegarem  
sim-pli-ci-da-de  
clo-ro-qui-a-na

atravessou-me o vírus  
da arrogância civil  
de um-di-a-pa-ra-ca-da-a-bril e  
surtei:  
eu quero mocotó!

#24

a boca com pele  
vestida de carne  
beija  
a boca com osso  
hálito de enxofre

a boca com carne  
pele externa do osso  
veste  
a boca com enxofre  
halitose de ferro

a boca com osso  
sopra o destino da bala  
cospe  
na boca do vírus  
hábito da madrugada

a boca mastiga  
letras em sopa  
assim como  
a sopa come  
vidas em boca

o vírus  
- como meteoro -  
ainda orbita  
a terra-planície  
da boca  
atonegação

o vírus  
- como economia -  
ainda circula  
a terra-cindida  
da casta  
segregapão

o vírus  
- como pedagogia -  
ainda traduz  
a terra-arteficta  
da trama  
somoscristão

o vírus  
- como patologia -  
ainda hospeda  
o estado-pandêmico  
máscara  
do necrocidadão

escutei  
sua voz:                densa  
soluçava gritos  
no elevador:        tenso  
de cabra marcado  
para viver  
abismos:                estruturais

o acontecimento  
do corpo em queda  
escapuliu da manhã  
trágica em terra:  
coronial

a pluma  
mais pesada que o céu  
tombou  
quando quis asa  
para voar sobre o útero  
da cidade mangue:

recife

galos emendam  
mínima semínima  
bemol susenido  
notas na manhã

o galo das manhãs  
era libertário  
o solo do seu canto  
trafegava do asfalto ao  
barro ao morro ao olho  
seguindo o rastro  
da emergência social  
da cidade

o galo  
das minhas manhãs  
alimentava a lembrança  
utópica galeana  
de fernando

em última hora  
soube que o seu canto  
terminou por alimentar  
o dente antropolítico  
da fome:

réquiem

#28

a melhor imagem  
do corpo morto de pedro  
são os seus pés

se pés deus tivesse  
tombariam juntos  
com a igreja do araguaia

um poema se faz  
com três dicionários  
duas pilhas rayovac  
uma caneta falhando  
e meia dose de serra

da meia se faz  
da caneta                   um meião  
das pilhas                   um canhão  
dos dicionários            uma explosão  
boa companhia  
para trepar  
no verbete  
preguiça

#30

tem uma financeira  
que me chama de doutor  
a cada e-mail enviado

não sabe ela  
que o único investimento  
fixo que faço  
é no fundo ficto  
da justiça de deus





**678 palavras sobre *Um dia para cada abril*  
ou a função sócio-política do afeto**

De todos os gêneros literários a poesia é, para mim, o mais difícil de ser comentado. É como se ao lermos um verso ele se resguardasse seja no prazer ou no indigesto de uma palavra que impõe silêncio. Um verso poético esvai-se e deixa uma memória etérea. Rastros. No entanto, em se tratando de uma obra quase cíclica em que a repetição, sempre outra, toca em pontos e imagens que se repetem alterando-se e alterando o ritmo cambaleante das palavras, é difícil não reter o movimento reflexo(na)dor que perfaz o cotidiano narrado ou, por que não dizer, poetizado de *Um dia para cada abril*.

O título já nos conduz pelas tramas arquiteônicas do autor que abre abril (aprilis abril) como cobra que rasteja; mês venusiano de amor, sexo, beleza e celebração. No entanto, a foice do deus Chronos afila, na rima quase italo-hacaista, o passar tempomemorial das letras que nos revelam o passado, o presente e o porvir de um país e de um cidadão que faz da escrita uma catártica experiência de quem olha para os dias sob o prisma da criação e da necessidade do

testemunho e da denúncia. Alguém já disse que os poetas fundam o que permanece, mas é preciso acrescentar o caráter acontecimental da poesia que ao fundar revela o devir irreduzível da vida.

O texto de Ítalo Ramalho nos convida a ver os dias como móveis em que ironia, tragédia e comédia figuram entrelinhadas de sentimentos, em certos casos, explicitamente viscerais e entranhamente abertos. A escrita de Ítalo de Melo como maré que avança dia a dia, banha o cotidiano de um abril marcado pela mentira que, de tão escancarada, transpassa o limite de seus dias. Sem o ar da tirania o poeta grita: panis et pandemia! Da massa fermentada à orgia desmascarada de um contexto em agonia, a tarefa poética em tempos de penúria se mostra como dedo que acaricia feridas abertas. Em um contexto em que gurus pulverizam idiotices nas redes sociais a poesia de Melo é antídoto contra a demência de uma antifilosofia autodenominada de crítica quando, de fato, é razão, tritura de ódio e ressentimento que alimentam um gado que pasta em terreno movediço. “Boi, bala, bíblia”, vírus de uma sociedade mergulhada em suas heranças colonialistas em que peles negras são estiradas antes dos tiros misericordiosos de um sistema que elimina suas responsabilidades, marcam um calendário no qual a morte figura em destaque vermelho.

Unamunianamente a escrita de Ítalo é Ítica para quem navega nas turbulentas águas

de uma ex-res-pública usurpada por valores necróticos que alimentam o explosivo coquetel político-religioso fruto de um Deus de morte estampado em sudário financeiro. Mas, se como reza o ditado, cada dia tem sua uma agonia, cada verso tem sua alegria. Nem só de pandemia vive o homem. O álcool que limpa as mãos é o mesmo que alivia e estimula a criação. Cachaça com mocotó sempre foi sustância para o fazer poético. Não há desespero nos versos que não venha aliviado por imagens que evocam desde o galo cabralino, convertido em canto libertário, até os pés do corpo de Pedro Casadaglia sinônimos de um deus simples e de uma igreja de resistência.

Sessenta poemas curtos em suas formas, mas longos em seus desdobramentos, compõem esse livro que irrompe, em meio ao caos pandêmico, o isolamento dos corpos que se transversam em palavras longínquas e que aproximam, pelos sentimentos, aqueles que se dispõem à contemplação da beleza poética que supera, sem negar, as dores do mundo.

Afeto sócio politicamente articulado é a marca de um livro em que o ato criativo individual expressa sua face coletiva com muitos focos, mas todos direcionados para uma crítica lúcida e lúdica do real. A poesia de Ítalo nos convida a encarar o nosso cotidiano sob o prisma multicolor das palavras que transpassam a realidade tenebrosa do país flertando com instantâneos momentos

que compõem um “banquete farto” à base “de proteína verbal”. Bom apetite.

**Cicero Cunha Bezerra**

Professor do Departamento de Filosofia  
da Universidade Federal de Sergipe

## Posfácio II

Estes tempos de pandemia têm sido socialmente críticos, desde os primeiros impactos que tivemos em abril, quando chegamos às mil mortes no País, até as mais de 100 mil mortes, após passados cinco meses de má governação e má condução das políticas de saúde e de restrições sociais de aglomeração. Lá atrás começamos a conviver com uma nova realidade cíclica que já dura meses e que nos afetou indistintamente de forma cultural, social e psicossomática.

Além dos efeitos perversos da doença provocada pelo vírus, as imposições de isolamento social e de confinamento alteraram radicalmente nossas vidas. Por um lado, transformaram nossas rotinas e formas de higienização e cuidado, de convívio social e afeto, de estudos, trabalho e lazer; por outro lado, também alteraram nossas formas de sentir felicidade e tristeza, indignação e complacência, prazer e tédio, amor e raiva...

Neste sentido, estes tempos de pandemia também têm sido intensamente reflexivos, provocando sensações pensantes, nos desviando do curso planejado de presente e futuro e criando um lapso temporal e espacial que tornou possível viver de outro modo e de outra perspectiva os dias e os meses, os lugares e os ambientes.

No livro que temos em mãos ou em tela, o ciclo dos dias densos, no transcurso de um mês, foi transformado poeticamente em marco das experiências vividas e sentidas pelo autor, intensamente doloridas e caóticas, solitárias e angustiantes, infladas pela diminuição rítmica do tempo e do espaço. Do abril que foi ou não escolhido por acaso, mas que por coincidência serve como metáfora de abertura, de início de uma dada condição e catarse. Estas sensações que também foram experimentadas por muitos outros de nós e impuseram densas formas de reflexividade à experiência, tendo maior efeito nos primeiros meses de isolamento e confinamento social, quando as transformações no dia-a-dia ainda foram mais intensas, repentinas e impactantes.

Ítalo Ramalho toma sua própria experiência vivida destes dias como arquétipo poético das práticas, das ilusões e das emoções. Viver, pensar, sentir e escrever sobre tais sensações é uma forma de se expressar diante do imponderável, tentar compreender seus efeitos e tentar entender-se a si e aos outros neste processo. Delimitar e fatiar o tempo sentido e o tempo vivido com a marca cronológica dos dias de um mês não é apenas uma forma de contar, no isolamento ou no confinamento social, mas também uma forma de registrar o experienciado, o pensado e o sentido através da linguagem e, neste caso específico, da poesia. Transformar o estranho, o caótico e o desconhecido em vida e

em expressão e vazão estetizada também é um ato político de resistência e de resiliência que a linguagem poética permite, revelando potencialidades outras, diante das formas volúveis que as linguagens cotidianas do tempo rápido, industrial, metropolitano, online e digital não alcançam.

Sobre os dias que passam, os registros na forma de poema revelam também a expertise do autor advinda das conexões entre campos de saberes distintos, o literário e o antropológico, o de amante das artes e da formação em direito, do qual emerge uma autoetnografia poética profunda, que observa o mundo a partir da realidade experimentada, onírica e subjetivada, marcada pela relação e pela existência do outro - e/ou dos outros - densamente refletida e reflexiva. Se é no(s) outro(s) que existimos, os efeitos do impacto do isolamento social se tornam estruturais nas percepções de nós mesmos, e a poesia se torna o verbo de um modo de se dizer sobre um/eu e sobre todos/nós e de modo holístico sobre o *anthropo* - o quê Ítalo Ramalho bem traduz nesta obra.

O abril, aqui, mesmo que *despedaçado*, como diz a memória do autor sobre o livro/filme, no poema *15 de abril*, é tratado como ciclo e como estrutura de sentido desta contagem poética dos dias, um dia para cada dia, um dia para cada abril, explorando muitas faces da carga semântica da palavra e dos significados sociais que ela sugere. Abril

intenso, dilacerado, fragmentado, confuso, um dia como todos os dias, um mês como todos outros, só que não como antes, mas como agora, inusitado. Nesta poética do despedaçamento do presente, há um desejo de tradução deste tempo trágico em atos da rotina da vida vivida que se segue: dormir, acordar, transar, cozinhar, comer, limpar, ler, trabalhar, assistir, comprar... Ou simplesmente pulsar...

## **20 de abril**

no entanto:  
o pulso pulsa  
pul.....sa

pul.....sa  
pulsalâmina  
sob o esqueleto estéril  
do verbo

A poesia se abre no abril e se torna pulso, verbo lâmina, remexendo as próprias emoções do autor e do leitor a partir da intensidade explícita da simplicidade e da importância do cotidiano, brincando com jogos de palavras e com os ritmos da linguagem e na forma, mas atenta a análise psicológica e social e à mensagem política implícita das metonímias, às vezes explícita do verbo. É um jogo com os corpos, com a consciência, com a vida e com a morte, mesmo com o lento marcapasso do tempo e diante do espaço restrito da casa, do confinamento e do casamento.

No abril da pandemia, do isolamento e do genocídio como fim, Ítalo Ramalho também recorre à memória das sucessivas políticas de morte traduzidas para outros tempos, através da crítica histórica sobre a colonização do Brasil, por exemplo, trazendo o abril como marco da memória coletiva da existência de outros corpos de dor, e do silenciamento de outras formas de vida e de conhecimento. Da dureza da linguagem ácida e áspera do poeta/poema concreto, o autor encontra ao seu modo e ao seu tempo a sua forma de analogia à denúncia sobre a dominação colonial e judaico-cristã dos povos indígenas, porém sob o alento da resiliência e da reinvenção antropofágica que sobrevive na linguagem...

## **22 de abril**

antes do som  
lusitano  
o verbo yanomami  
sustentou o céu de davi  
                                  inferno de cristo  
                                  silêncio antunes  
                                  arnaldo de fazer  
                                  verboração  
                                  carnificanção

O abril deste livro não é apenas um mês, mas todos os meses repetidos sob o qual vivemos este longo inverno que marca e marcará nossas experiências e continuará aprofundando as realidades sociais já tão desiguais no

Brasil. Algo que o autor já profetiza ao criticar a contabilidade frívola dos corpos e a dimensão do poder que ele denomina de *necroliberalismo*, através deste neologismo que traduz a sedução hegemônica de um modelo de economia liberal e da apolítica cega, decadente e gananciosa que nos afeta e se espalha pelo mundo. Aliás, doença, morte e política se completam de forma recorrente na poesia de Ítalo Ramalho, não como hipérbole estética, mas por se tornarem rotina ou parte da língua franca no imaginário cotidiano do isolamento social e no vernáculo da política, tangenciados pelas facetas pública e privada da vida, na qual mesmo confinados ninguém mais se esconde.

Mesmo que a *cronografia* deste abril em algum momento se feche, com *língua grossa* (ou fina), como diz o autor, outros trinta poemas surgiram - surgirão - do pavimento superior do incansável subconsciente do poeta, da palavra dos meses do agora ou daquela um dia pensada, ritmada e conjugada como *função sócio-política do afeto*, aparecendo como parte do ritual do ofício pensante e incessante de burilar, de escrever, de declamar e de brincar silenciosamente com os sons, com as subjetividades e os significados das palavras até lhes dar vida pública. São ideias outrora inacabadas, não *costuradas*, são as formas do fabricar a poesia, agora amalgamadas e expressas em versos a compor o todo da obra, como efeito mágico da bricolagem. Nesta segunda ronda de poe-

mas do livro - os outros trinta -, o autor suspende o abril para transformar o ciclo do mês em estrutura, e os versos seguem aparecendo com a marca dos sonetos; descomprometidos com a narrativa das rotinas do dia a dia, perpetuando de modo enigmático e gráfico o ícone da teia e da rede (#) como marcador de outras práticas; como um outro modo de pensar, dizer, sustentar, fabricar e coser a vida, que se repete como etéreo. Esta tessitura pensada das palavras e dos versos perfura outros planos de consciência, como ato de sustentação da própria existência, soltos, embora enumerados, sequenciados e *tagados*.

## #20

para o poema nascer  
é preciso costurá-lo  
da ponta à cachaça

pensar pelo pé é  
fazer do caminho  
bifurcado -  
linha e pedra -  
questão de equilibrachão

No registro poético do autor reconhecemos o desejo pela poesia como possibilidade de equilíbrio, de razão, mesmo diante do uso lúdico, sonoro e semântico das palavras em tempos de normalidades suspensas. A experiência sentida e vivida, marcada pelos efeitos do tempo e dos acontecimentos, é tradu-

zida em linguagem gráfica e sonora, na qual se encontram indivíduo e sociedade, afeto e política, emoção e racionalização, forma e conteúdo. É a poesia tornando o imaginável dizível, o incompreendido compreensível, as palavras em sensações e formas animadas...

## #22

em minhas mãos  
o riso do livro  
move  
os dentes das suas  
páginas

banquete farto:  
proteína  
verbal

É certo que os últimos meses impactaram intensamente o curso de nossas vidas e que para muitos de nós as leituras foram boas companheiras. Mas, para muito além disto, surgiram novos modos de sociabilidades, novas estratégias de sobrevivência e de fazer político, novas formas de regulação social, novos comportamentos afetivos, novos modos de percepção e novas formas de intensificação do individualismo.

Neste livro temos alguns registros sincrônicos destes processos também vividos pelo poeta a partir da experiência pessoal e da passionalidade racional da sua criação. Versos produzidos durante as sensações vividas, capturando impressões sobre ins-

tantes, tendo a forma como latência e como potência de dizer para além do plenamente compreensível para o agora. A poesia - como linguagem ou o livro como obra *aberta* -, neste caso, aparece metamorfoseada como ac-tante, tanto deste momento para outros tempos, quanto do leitor que sou para outros.

No futuro teremos estudos sobre a produção reflexiva gerada durante a vigência das excepcionalidades provadas pela pandemia. Sobre o quão intensa e distinta ela fora, sobre como as pessoas reviram as suas vidas e os seus desejos, repensaram os seus projetos e se viram como sujeitos diante da sensação de impotência. Sensação inicialmente já existente diante da guerra ideológica-política, provocada de forma insistente por modelos de governação antidemocráticos, como do caso brasileiro, que têm gerado efeitos ainda mais perversos durante a pandemia, aprofundando discursos de exclusão e de eliminação social, tomando como base moralismos perversos, seletivos e mal intencionados que transformam as orientações sérias e científicas no campo da saúde pública em chacota e instrumento de um *modus operandi* perverso de exercício de poder pelo poder. Aliás, o caos é terreno fértil para o crescimento de tais formas de fazer política, embora também abra espaço para a transformação revolucionária, para o encerramento dos ciclos, para o início de outros e para emergência de agências insurgentes.

De forma muito pouco reflexiva, vem se tornando senso-comum que as atuais regras de biossegurança, as normas de sociabilidade, de trabalho remoto, de estudos e de lazer destes tempos de excepcionalidade se tornarão o *novo normal*. A expressão mais me parece conter o desejo de uma nova normalidade de controle social, com maiores restrições à movimentação das pessoas, maior exploração do trabalho, maior endurecimento da vida social e a ideia de que a humanidade viverá a ameaça constante do apocalipse, independente do arrefecimento da pandemia; do que a vontade de entender o processo e de transformar esta realidade temporária. Não temos certeza se a pandemia provocada pelo vírus Sars-COV2 será um marco de transformações profundas e duradouras nas sociabilidades, nos costumes, na geopolítica e na economia global ou nas formas de experimentar a humanidade - e nem precisamos tê-la -, o certo é que enquanto ela se perpetuar continuaremos vivendo a experiência do individualismo de forma ainda mais intensa e jamais vista, e isto se reflete no quê e no como sentimos, sofremos, pensamos e produzimos. É sobre isto que importa dizer e fazer agora. Sobre os registros da experiência humana que nos tornem capazes de interpretar e de compreender para podermos existir, resistir e transformar. Mas, enquanto vemos nas ruas, nas redes sociais e nos noticiários que as pessoas estão saindo do isolamento social voltando a consumir loucamente, os discursos minimizando o impacto sobre as vidas,

os negacionismos ideológicos segregacionistas se sobrepondo ao conhecimento científico e crítico e a economia colocada ainda mais acima das pessoas, os versos de Ítalo Ramalho continuarão soando como grito de dor e como alerta humanitário e trágico do agora.

### **6 de abril**

caixas de papel  
deveriam conter  
sapatos

guardam pés mortos  
enforcados  
pelo cadarço  
dos corpos infectados  
(eco à dor)

Como leitor de hoje, não há como se deparar com este livro sem perceber o mundo pela conjunção das lentes do trágico e do satírico, do político e do afetivo; da desigualdade e da resiliência; não há como não se sentir incomodado, angustiado, ou às vezes esboçar um sorriso irônico, sarcástico, casual, ou noutras sentir-se como sujeito empoderado, embora na dor e no odor da morte dos outros - e da nossa humanidade. Estas são mensagens contidas neste livro, sobre o presente e sobre como ele nos faz sentir, pensar e resistir a partir do cotidiano, da estética e da política.

**Frank Marcon**

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe



## Epílogo

Em *Um dia para cada abril ou a função sócio-política do afeto*, o lirismo lúdico-musical de Ítalo de Melo Ramalho nos convida a uma dança poética entre o lamento e o louvor... Explico-me: movido por uma vontade dionisiacamente ávida de viver, ainda que sob o manto sombrio da apocalíptica pandemia do Covid-19, o eu-lírico-cronista desses 60 poemas, “versificações” ou “verborações”, nos conduz em uma tragicômica dança de palavras em que ora se denuncia o oportunismo de uma “necropolítica” vampira, ora se exaltam a liberdade, o prazer e a arte, num equilíbrio tênue e tenso entre a fome de “escalar (novos) horizontes” e o “amor condicional” de um mundo dilacerado por “abismos: estruturais”... Entre um passo e outro, o eu-lírico nos ensina tratar-se de uma “questão de equilibrachão”... Assim, a dança do leitor (sua leitura dos poemas) começa já no próprio título. Neste, a frase “Um di-a pa-ra ca-da a-bril”, através da alternância entre as consoantes p/r/k/d/b/r, à semelhança da cabalística “abracadabra”, transporta o leitor para os instantâneos de encantamento poético - os poemas. Na dança através deles, a escuridão temática, presente entre nós sob a forma de um “cinema ficcional”, que desfere, de instante a instante, uma avalanche de números

aterradores, "...os números/ serão servidos/ às 20h30", é transmutada pelo engenho e arte do poeta-cronista em gozo estético. Organizado em duas partes, a primeira sob o mencionado título *Um dia para cada abril* - contendo 30 poemas -, e a segunda intitulada *ou a função sócio-política do afeto* - que, por sua vez, contém os outros 30 poemas, organizados através do símbolo da cerquilha (#), em referência ao uso das redes sociais como meio de integração, nesse momento de distanciamento inafetivo -, o livro nos conduz por uma dança que é também um diálogo "bailarino" com outros artistas do verbo (João Cabral de Melo Neto, Arnaldo Antunes, Miguel de Unamuno e também Walter Salles), citados em alusão. Esses artistas, convocados à dança, unem-se ao eu-lírico em sua recusa de uma realidade "viral/real". Essa lamentável realidade, presente em nossas "necrocidades" devoradoras de tudo que se lhes apareça pelo caminho - "boi", "bala", "bíblia" e "corpos" - não se origina apenas do malvindo vírus, mas sobretudo de governos sustentados ideologicamente por um "necroliberalismo" inescrupuloso e "pantofágico" e por um "necro-cristianismo financeiro". Esses sim são os verdadeiros vírus que alimentam a "indústria do patê", em sua "fakesumanidade", e a idolatram, sacrificando-lhe "carne", "dinheiro" e "óbito", numa lógica "... ao gosto-gourmet da mosca"... Contudo, para a alegria do leitor, nesses tempos de tristeza, não é apenas de passos graves que se constitui essa dança

poética. Há, para compensar, os momentos de louvor à liberdade, "...vá, eva, fazer a vida que/ quiser!)))))", ao amor (poema 16 de abril, em que o eu-lírico e sua musa dançam num rito tântrico), e à própria poesia (poemas # 20, 22, 23, 24, 29), fazendo dessa dança poética conduzida pelo lirismo de Ítalo de Melo Ramalho um verdadeiro "banquete farto:/ proteína/ verbal", para os que têm fome e sede do belo.

**Antonio Marcos dos Santos Trindade**

Doutorando em Letras (PPGL/UFS)



ÍTALO DE MELO RAMALHO é advogado e mestre em Antropologia (UFS, 2020). Nasceu em Guarabira, Paraíba, em 19 de abril de 1974. Sobre ciência, devota seu tempo ao Direito, à Antropologia, à Sociologia e à Política. Autor de *Nocaute das horas* (poesia, Penalux, 2020), *O inusitado amor do Catingueira e da Brucha* (cordel, e-book, em parceria com Christina Ramalho, 2018) e organizador do *Todas as águas* (crônica, e-book, 2019) junto com Christina Ramalho e Rafael Senra.

E-mail: [italodemeloramalho@gmail.com](mailto:italodemeloramalho@gmail.com)

Instagram: [@italodemeloramalho](https://www.instagram.com/italodemeloramalho)

Facebook: <https://www.facebook.com/italo.demeloramalho/>

Edição: Criação Editora  
Formato: 12mm x 19mm  
Tipologia: FreeMono  
Papel miolo: of set 90g/m<sup>2</sup>  
Papel capa: Cartão Supremo 300g/ m<sup>2</sup>  
Impresso: JAndrade Gráfica e Editora

a pandemia estende-se por

entremuros  
entrepornos  
entrecélulas

refaz  
o código genético  
do alfabeto  
apagando a palavra  
ar



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



PÁTRIA AMADA  
BRASIL  
GOVERNO FEDERAL